



Atena
Editora
Ano 2021

Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos

Lázaro Castro Silva Nascimento
Kamilyly Souza do Vale
(Organizadores)



Atena
Editora
Ano 2021

Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos

Lázaro Castro Silva Nascimento
Kamilyly Souza do Vale
(Organizadores)

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Daphynny Pamplona

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Isadora Bonfim Nuto
Organizadores: Lázaro Castro Silva Nascimento
Kamilly Souza do Vale

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P963 Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos / Organizadores Lázaro Castro Silva Nascimento, Kamilly Souza do Vale. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-637-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.376212710>

1. Gestalt-terapia. I. Nascimento, Lázaro Castro Silva (Organizador). II. Vale, Kamilly Souza do (Organizadora). III. Título.

CDD 618.9289143

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Com amor,
à Helena Vale (*in memoriam*)

PREFÁCIO

Ater-me à linguagem de uma obra, naquilo que posso apresentá-la ou presentá-la, implica, antes de qualquer exposição minha, na humilde assunção da linguagem como senhora última de nossa construção e abertura ao mundo. Assim, olhar e dizer estão carregados de uma implicação hermenêutica, à medida que como seres humanos somos linguagem e mundo em interatividade transformadora. O desafio hermenêutico se constitui na produção de exatidão de sentidos: aqueles que repousam sobre a produção – intencionando quem lê; sobre os autores – intencionando seus objetos e, para muito além, o sentido transcendente imposto pela fusão da obra e leitor na necessidade de ida à escrita, aos objetos dos autores e aos próprios objetos, produzindo então novos sentidos e novas construções.

Assim, a medida exata do entendimento de quem apresenta e introduz não faz jus à qualificação que será produzida no encontro com o leitor. Sugiro que cada leitor se deixe visitar pelos vários capítulos, ingenuamente, para posteriormente consultar as possibilidades de ser a partir daí mesmo, acenando a si com novos horizontes e possibilidades. Uma das características epistemológicas da Gestalt-terapia é sua condição moldável, sua plasticidade ou flexibilidade como queiram alguns e outros que, devido a isso até mesmo chegam a considerá-la sem epistemologia. Se a episteme seria uma dimensão que aprisiona e polariza, então a Gestalt-terapia é a-epistêmica sim, e eu ousaria dizer, anti-epistêmica, por aceitar sempre a introdução de novos e diversos pensamentos, ainda que mantenha sua identidade.

Mas a tecitura dos capítulos poderá falar por si, e eu por eles em mim, ao passo que cada “apresentação” poderá, dar-se como o presente mesmo, como um prenúncio do ganho – aqueles que por vislumbre identificamos ser saciedade, o encontro do adejo no emaranho, a descoberta da preciosidade ainda mesmo sem se saber da permanência da busca; e assim dando a todo inaugural da linguagem, a certeza do instante. Dizer é fixar sentidos. Mas a palavra bem dita os torna brevemente fixos, apenas para em alguns instantes calar fundo e fazer calar para, em seguida, erigir e destruir mundos. Assim os temas se seguem e nos seguem. Vejamos.

Podemos, podemos sempre como psicoterapeutas, estudiosos, cientistas que somos, supor que a violência entre os casais (seria toda forma de violência?) está alicerçada em padrões sociais mais amplos. Mas, aqueles que testam essa hipótese e a verificam em um trabalho profícuo, esses são os gestalt-terapeutas que em grupo, no grupo e para o grupo elegem a ação efetiva de uma Gestalt-terapia que, ainda que posa estar se perdendo de sua origem grupal, guarda-se na intersubjetividade como princípio epistemológico irreversível. Assim é que *Kamilyly Souza do Vale*, no *primeiro capítulo* expõe

um de seus trabalhos com casais em situação de violência conjugal, passando brevemente pelo histórico da psicoterapia de grupo, pela história e alguns princípios da psicoterapia de grupos gestáltica, os elementos constitutivos da psicoterapia de curta duração com grupos da Gestalt-terapia, desembocando naquilo que coroa o trabalho efetivo de um gestalt-terapeuta: desfazer as possíveis formas naturalizantes de definir e vivenciar os modos de violência, nesse caso, entre o casal. É em grupo que os casais podem se ouvir, no sentido de uma escuta que é de alguém, para alguém, por algum motivo, de algum modo e, para ser refletida sobre o modo de atuar na vida com o objetivo de reconhecimento e superação.

Curiosamente, casos clínicos não são frequentemente publicados em Gestalt-terapia. A despeito da consideração dos motivos, posso afirmar que há algo de ousado em mostrá-los, comparável ao supervisionando que apresenta seu caso em um grupo novo, temeroso dos olhares, da austeridade dos colegas e da profundidade da análise do supervisor. Mas no *segundo capítulo*, *Lázaro Castro Silva Nascimento* eleva seus supervisores e colegas à potência da infinitude, quando publica o caso de Franklin. Aos poucos pode-se perceber que sua ousadia de publicação é a mesma que o fez atender Franklin, sendo o leitor lentamente agraciado com o cuidado amoroso na condução e relato do caso, ao passo que revela suas intervenções sem, contudo, restringir-se à psicopatologia ou à técnica como elementos definitivos do processo. É a *relação*, associada a um olhar tecnicamente competente, mas antes e sempre a relação a produtora de mudanças significativas. E por falar em técnica, podemos finalmente perguntar qual o papel da técnica em Gestalt-terapia? Podendo ser compreendida como uma extensão do humano ou como o aprisionamento do ser, a técnica parece desfrutar de uma condição ambígua, de mocinha e vilã, quando referente às abordagens humanistas, em função de sua herança cientificista e também do comprovado auxílio que parece promover na atuação psicoterápica. No citado caso exposto por Lázaro, o autor apresenta o “mapa de uma palavra como experimento-produção gestalt-terapêutico”, dando-lhe ao mesmo tempo uma condição técnica e experimental. É exatamente o caráter experimental (não-determinístico, intuitivo, compartilhado, entre outros aspectos) que dá ao procedimento sua condição de libertação dos ranços da técnica. Desejo que próprio leitor faça sua apreciação dessa condição.

E dentre as condições a que estamos lançados, a violência, essa dos primórdios em que o homem se registra como homem, aparece como instituinte e reguladora do poder entre pessoas, grupos e nações, e nos impõe a pergunta se teremos mesmo elucidado suas facetas, suas minúcias e, principalmente sua origem, de forma que possamos nos perguntar como contribuir para mitigá-la. É nessa direção, de contribuição para uma perspectiva distinta e, por isso mesmo, necessária que *Leda Mendes Gimbo*, no *capítulo 3* faz sua exposição, caracterizando a violência como um hábito, mas não apenas aquele que se instaura na vivência individual e sim aquele instituído por macropolíticas, como forma de dominação de sociedades e grupos inteiros. Delineando a teoria do *self* em sua condição

necessariamente fenomenológica, a autora expõe minuciosamente essa pertinência e demonstra o modo de um fenômeno social se configurar como hábito, aparecendo por fim na teoria do *self* em sua dimensão individual. Afim com essa perspectiva, o *self* é reafirmado como um sistema de contatos e não como instância, a violência é situada na dinâmica entre as funções id, ego e personalidade, mas também vinculada a hábitos introjetados e repetidos historicamente, a serviço de fracasso ou sucesso social. Surgindo dessa forma, parece impossível mitigá-la, dados os caracteres antropológico e histórico a que a violência é tributária mas, afim com o *ethos* gestáltico, a autora evoca a insubmissão e a recusa *como possibilidades libertárias e criativas* dentro de uma condição clínica, afim com princípios éticos gestálticos e propensos a não se confirmar um fazer psicológico conivente e reforçador de injustiças.

O capítulo 4, de Alberto Heller, traz-me um pensamento que há muito me acompanha e que ainda não sei exatamente como implementá-lo: está na hora de musicar a vida, a partir dos infinitos silêncios que a inauguram. Exatamente essa ideia de uma escuta do inaudível está exposta em todo o seu texto, afirmando a necessidade de interposição de sentidos ou resgate das sensações intermodais (tatear com os olhos, ouvir com o corpo, ver com os ouvidos) de se entender o ouvir para além da escuta do senso comum e do sentido comum das psicoterapias. Está instituído um modo de escutar em psicoterapia que fixa a atenção no bem-dizer, nas regras gramaticais da língua, nos modos permitidos de expressão, na semântica necessária, na lógica causal e no ritmo vigente, de forma que a dança necessária entre sons e silêncios, entre o silenciamento do psicoterapeuta e sua escuta qualificada (inclusive para o não saber o que ouvir) estão tolhidos e abolidos do processo psicoterápico. Alberto, realiza uma série de exames dos termos ouvir, escutar e auscultar, vinculando seu sentido ao estar aberto, à obediência corporal necessária para que o psicoterapeuta deixe de prioritariamente escutar a si mesmo para escutar o outro. É dessa maneira que incorpora o “estranho” ao processo psicoterápico, analogamente à música que está com as janelas abertas para ruídos e sons imprevisíveis, dando a eles abrigo como se abriga um viajante (*êthos*) e assim possibilitar a escuta do não-eu; afirmando então esse radical não-eu que se abre para onde o outro quer levar o terapeuta e não para onde esse técnico o quer conduzir. Ainda resta em aberto a clarificação daquilo a que a escuta terapêutica se refere, em que Alberto contribui com a necessidade de se fazer parte da *dança, do quadro, da música, da cena*.

Há ainda muito o que ser ouvido, e muito mais ainda a ser selecionado para ser ouvido. Afim com essa constatação *Isaura Caroline Abrantes Silva e Welison de Lima Sousa* dirigem seus ouvidos para o inaudível, o invisível, o indizível. Imagino uma situação corriqueira, ao final do dia, em que uma pessoa pergunta a outra onde ela vai, com a resposta também costumeira de um “para casa”. Como seria não ter a casa para ir? Como seria não poder morar em nenhum lugar? Apenas por imaginação poderíamos sequer nos

aproximar da vida de pessoas em situação de rua. No *capítulo 5* os autores fazem um exame da condição das pessoas em situação de rua estabelecendo relação com a clínica gestáltica, enfatizando o entendimento da rua não apenas como o lugar da falta – evidente na ausência de moradia, de alimentação, de poder econômico, de políticas públicas – e que revela a exclusão econômica e política, mas também o lugar da presença e das potências: lugar de relações sociais onde se produz junto/com. E é nessa condição que apresentam a Redução de Danos como ferramenta política para pensar a clínica do sofrimento e o fazer do Acompanhante Terapêutico para o resgate de uma dimensão ética pouco abordada em Gestalt-terapia. O propósito é a provocação de um desajustamento criador: o construir de novidades que, com o suporte do campo, dê a psicoterapeuta e paciente a presença no invisível, o deserto das representações também chamado de vazio fértil. A Gestalt-terapia precisa repensar seu fazer? Sim, na medida em que possa estar a serviço dos imperativos e pedidos neoliberais de produtividade. A clínica então, deve servir ao não servir. Haverá nesse contexto, maior serventia que essa?

A resposta sobre a serventia de uma clínica fundada no vazio fértil traz à tona outras buscas, outras possibilidades de fazer da Gestalt-terapia. É mais uma vez o contato com a emergência e dessa vez da solidão do ato terapêutico que a discussão sobre a formação, eu me digo melhor, sobre a contínua e nunca acabada transformação do gestalt-terapeuta em ser si mesmo que a *intervisão* irrompe como ato, como possibilidade e com diferenças notórias em relação aos outros campos de construção e reconstrução do gestalt-terapeuta. No *capítulo 6*, *Natascha Bravo de Conto e Dafne Thaíssa Mineguel Assis* examinam a *intervisão* e a diferenciam do processo de psicoterapia e da supervisão, apontando as singularidades que, fundamentadas em uma relação dialógica, fazem surgir o ser dos psicoterapeutas com suas características, ritmos, movimentos, singularidades e estilos próprios. É a partir de uma relação não hierarquizada, sustentada no diálogo e na troca genuína que a *intervisão* se torna esse espaço complementar da psicoterapia e da supervisão onde emergem as potências e as nuances construtoras da história e trajetória dos profissionais envolvidos. Dessa forma, a metáfora pertinente é de artistas que compartilham um trapézio e precisam equilibrar-se juntos e confiar na presença do outro para as manobras, ao mesmo tempo dotadas de destreza, mas também de saltos onde se acredita estar o outro ali, bem à mão e literalmente à mão, para ser o suporte condutor ao término do movimento. Dessa maneira beleza e risco se confirmam como necessários, mas também se sustentam na possibilidade de ser enquanto simples simetria.

E de quantas experiências precisaremos para sermos o efetivamente denominado de psicoterapeuta? Se olharmos para as pedras que compõem uma ponte, perguntaremos quem faz a suficiente sustentação: arco ou pedras? A resposta parece estar na superação da dicotomia, lugar onde pedras e arco “desaparecem” para aparecer a ponte. Assim, a partir de um caso (mais uma pedra?) é que *Lílian Vanessa Nicácio Gusmão*, no *capítulo 7*,

apresenta o acolhimento, a construção de desejos, a interlocução solidária, os sentimentos, valores e pensamentos compartilhados, apenas para recuperar uma pessoa (ou seria o próprio arco?). Uma pessoa que precisou vencer a dicotomia de ser adulto ou ser criança exatamente por, durante um longo tempo de sua vida, ter feito introjeções disfuncionais reveladas numa gastrite, na banalização da vulnerabilidade para evitação dos conflitos. Curiosamente, é no resgate e possibilidade de enfrentamento dos conflitos que o paciente de Lílian pode se expressar, e passar pela efetiva experiência de inclusão no colo da psicoterapeuta, lugar de cuidado e de segurança, onde pode também experienciar-se de forma plena. Experiências traumáticas são revisitadas por Lílian e seu paciente, atualizadas na dimensão do aqui e agora, conferindo a possibilidade do apoderamento de si mesmo. Sim, o leitor verá como o arco e as pedras desapareceram; vislumbrará apenas a ponte, quer seja figura a terapeuta, o cliente ou, ainda quem sabe, tudo isso junto.

E dessa noção de fixidez instalada em nossa necessidade de estabilização do mundo, perdemos a dimensão da unicidade quando somos obrigados a nos “desterritorializar”. A maioria de nós não sabe o que efetivamente é ser um estrangeiro, experienciar a perda de cidadania e de direitos em seu país de origem e novamente ser submetido a essa experiência no país onde se pediu abrigo. Com uma contribuição de combate a essas vivências, *Elis Moura Marques* no *capítulo 8* aborda a experiência de pessoas migrante e refugiadas venezuelanas no Brasil. Entender as dificuldades e sofrimentos, aquelas inerentes a toda e qualquer pessoa em estado de crise, é uma tarefa inerente ao gestalt-terapeuta; e é ainda mais sua tarefa compreender as especificidades sofridas em cada situação particular de sofrimento, com o objetivo de tornar, por um lado, mais apropriada a ação de cuidado, por outro, mais artístico nosso trabalho, no sentido de fazermos uma adaptação do conhecimento geral e sistemático à unicidade e singularidade daquele que se nos apresenta. Através do relato de três situações clínicas, Elis nos coloca em contato próximo à experiência de sofrimento dos venezuelanos refugiados no Brasil. Importante ressaltar o modo como aproxima a necessidade de uso do conhecimento gestáltico no trabalho com essas pessoas, através inicialmente do resgate histórico de desterritorialização experienciada por Perls e Laura, através da apropriação do fazer gestáltico como de um cuidador dos vínculos e das relações antropológicas. É assim o estabelecimento de auxílio para a restituição da autonomia perdida pela xenofobia, caráter agravador de sofrimentos anteriores e inerentes a todo e qualquer ser humano, mas que nos preconceitos impostos é potencializado e faz subsumir aspectos saudáveis desse outro em generalizações desqualificantes.

Entendo ser necessário aprender para estar com o diferente, o novo e o inusitado e, nessa perspectiva, a aprendizagem, objeto de estudo de tantas facetas, tem uma leitura particularmente gestáltica no *capítulo 9*, quando *Ana Karina El Messane* examina os impedimentos de caráter afetivo presentes no processo de aprendizagem. A confluência,

um dos modos de impedimento do contato, é considerada naquilo que gera dificuldade no aprendiz em ser o autor de seu próprio pensamento. Articulando as formas de evitação do contato com a Epistemologia Convergente, com a Gestalpedagogia como forma de Epistemologia Integrativa, Ana Karina apresenta um caso onde demonstra a forma como o conhecimento é fruto da relação, da experiência vivida onde sujeito, objeto, eu, outro e mundo caminham lado a lado, mas para além disso, transcendem as dicotomias entre partes-todo, exatamente por ser dotado de interconexões da ação humana com o ambiente, os processos sócio-históricos e a cultura. Nota-se o modo como os pais de seu paciente puderam compreender seu lugar e seu papel de confirmadores do filho, dedicando-se à nutrição emocional, imprescindível para revelar o escutar, o ver, o pensar, o refletir como processos fundamentais da aquisição de autonomia para a criança ser construtora não apenas do conhecimento próprio, mas de sua própria vida. A dimensão emocional torna-se assim o objetivo fundamental da aprendizagem como forma de integrar corpo e emoções com o processo cognitivo. Mais uma vez, em uma dimensão educacional, poderá o leitor perceber que a integração se torna o princípio e fim do processo de criação, sustentação e crescimento humanos.

Se a integração aqui e ali se apresenta como um elo necessário de toda ação em psicoterapia, particularmente o fluxo, esse deixar-se conduzir junto com, sem jamais ser meramente passivo, essa arte do encontro consigo e com a própria vida que sempre se revela no outro, adquire novas roupagens quando a criatividade é sentida sob a pena de *Wanne de Oliveira Belmino*, no capítulo 10. Acredito ser o capítulo que ilustra de maneira integrada a necessidade que se articulem fluxo e criação, onde o ser cíclico do feminino é necessariamente considerado. Wanne, de maneira artística e reflexiva, olha para seu próprio fluir, seu modo cíclico de estar no mundo e em si mesma. O feminino que há em todos nós – negado sob a visão machista – precisa ser reconsiderado a partir daquelas detentoras de maior pertinência nesse dizer: as próprias mulheres. E como mulher Wanne reflete sobre um aspecto às mulheres concedido, o de substituição do masculino, mas sendo ele mesmo impeditivo da aparição de suas singularidades, ao passo que faz emanar a rigidez típica do masculino. Como consequência, o adoecimento, a discriminação salarial, as pressões sociais, a precarização do trabalho e o acúmulo de tarefas eclodem em uma dimensão ambígua: se por um lado confirmam o “avanço” feminino em suas conquistas, por outro a solapam peculiaridade desse feminino e negam o reconhecimento da dimensão cíclica de suas energias físicas e psíquicas. É urgente reestabelecer um fluxo saudável, resgatando assim as múltiplas partes do feminino que dialoga sabiamente com a noção de crescimento em Gestalt-terapia, tendo exemplarmente no período menstrual uma importante metáfora da autorregulação orgânica. Ficar no vazio, permitir-se o contato, o emergir de algo, ainda que embrionário, fluir com o emergente e transfigurá-lo em expressões significativas, respeitando a própria criação e em direção a algo integrador e

complementar: eis o processo criativo em sua ciclicidade. O nada se apresenta como prehe de possibilidades e estas anunciam e completam o ser.

Essa obra então se configura por esses dez capítulos, dez convites, dez diálogos em integração. As experiências de seus autores (ex-peri-ência: sair de seu próprio ser) adquirem maior sentido quando revelados na forma de escritas, na maioria delas dizendo “olha o que eu vivi” e imediatamente se transformando em vivência do leitor, se atualizando na possibilidade de novos vividos. A experiência sugere a repetição, a vivência inaugura a singularidade e o novo. Assim, leitor e autores se integram na permissão dada de experiência e vivência. Enquanto linguagem, nos expressamos nas palavras, no corpo e na transcendência dessas dimensões a que preferimos sempre chamar de “ser”.

Silverio Karwowski

setembro de 2021.

Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-Campinas, Gestalt-terapeuta pelo Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo, Psicólogo e Licenciado em Psicologia pela UFU, autor do livro Gestalt-terapia e Fenomenologia, Diretor do IGC – Instituto Gestalt do Ceará e professor universitário.

APRESENTAÇÃO

Movidos pelo desejo de dar continuidade ao objetivo de fomentar espaços de interlocuções entre profissionais de diferentes regiões do Brasil e que tem a abordagem gestáltica como suporte teórico, apresentamos o livro *Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos*. A proposta desta obra contempla a díade teoria-prática através dos escritos que são frutos de reflexões e experiências vivenciadas pelas autoras e pelos autores. Cada um com sua bagagem profissional e visão de mundo configurando um espaço de troca, construção de conhecimento e compartilhamento de experiências.

Os temas presentes neste livro nos convidam a olhar para uma clínica engajada politicamente, que prima pela ética do cuidado, e que ultrapassa os muros de uma clínica tradicional e solipsista. É uma clínica gestáltica que ultrapassa fronteiras, que tem música, sons, que reverbera e que mobiliza o campo para abrir espaços para a novidade. É uma clínica do contato com o novo e do contato com o diferente!

Lázaro Castro Silva Nascimento

Kamilly Souza do Vale

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
INTERLOCUÇÕES GESTÁLTICAS ENTRE A PSICOTERAPIA DE GRUPO E A INTERVENÇÃO COM CASAIS	
Kamilly Souza do Vale	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127101	
CAPÍTULO 2	13
UM JEITO DE FAZER GESTALT-TERAPIA: O CASO FRANKLIN E O MAPA DE UMA PALAVRA	
Lázaro Castro Silva Nascimento	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127102	
CAPÍTULO 3	31
A VIOLÊNCIA COMO HÁBITO: LEITURA DE UM FENÔMENO SOCIAL A PARTIR DA TEORIA DO SELF	
Leda Mendes Gimbo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127103	
CAPÍTULO 4	41
ESCUA MUSICAL, ESCUTA CLÍNICA: PASSAGENS	
Alberto Heller	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127104	
CAPÍTULO 5	53
VIDAS NAS RUAS: VULNERABILIDADES E POTÊNCIAS EM UMA ABORDAGEM GESTÁLTICA	
Isaura Caroline Abrantes Silva	
Welison de Lima Sousa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127105	
CAPÍTULO 6	67
EXPERIÊNCIA DE INTERVISÃO: POSSIBILIDADE DE CRESCIMENTO DA/DO TERAPEUTA A PARTIR DA POTÊNCIA DA RELAÇÃO	
Natascha Bravo de Conto	
Dafne Thaíssa Mineguel Assis	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127106	

CAPÍTULO 7	80
AJUSTAMENTOS CRIADORES DIANTE DA DICOTOMIA CRIANÇA INTERIOR E ADULTO: A RECONSTRUÇÃO DA VULNERABILIDADE IDENTITÁRIA DIANTE DO TRAUMA	
Lilian Vanessa Nicácio Gusmão	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127107	
CAPÍTULO 8	93
UM OLHAR GESTÁLTICO SOBRE A EXPERIÊNCIA DE PESSOAS MIGRANTES E REFUGIADAS VENEZUELANAS NO BRASIL	
Elis Moura Marques	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127108	
CAPÍTULO 9	105
A CONFLUÊNCIA E O OBSTÁCULO DE CARÁTER AFETIVO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM	
Ana Karina El Messane	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127109	
CAPÍTULO 10	116
SOMOS CÍCLICAS: CRIATIVIDADE, FEMININO E GESTALT-TERAPIA	
Wanne de Oliveira Belmino	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.37621271010	
SOBRE OS ORGANIZADORES	129

SOMOS CÍCLICAS: CRIATIVIDADE, FEMININO E GESTALT-TERAPIA

Wanne de Oliveira Belmino¹

Ouve o barulho do rio, meu filho
Deixa esse som te embalar
As folhas que caem no rio, meu filho
Terminam nas águas do mar
Marisa Monte, Arnaldo Antunes,
Seu Jorge, Carlinhos Brown

A NASCENTE DO RIO

Busco inspiração no barulho das águas. Sinto que preciso relaxar para deixar fluir esta escrita, pois, enquanto me ocupo de ficar tensa, nada nasce, nada esco. Apenas quando vou me envolvendo com o som que vem da fonte de água, meu corpo cede para trás e balança devagar; os sentidos vão ficando mais aguçados, fecho os olhos e visualizo, no fundo dos meus pensamentos, um olho d'água. São as primeiras ideias brotando. Permito que transbordem, e as linhas iniciais escorrem, como um riacho tímido. Eis aqui a nascente do rio.

Corro, então, para a estante, abro uma página marcada do livro *Mulheres que correm com os lobos* e relembro esta passagem: “uma vez que esse imenso rio subterrâneo tenha encontrado seus estuários e afluentes na nossa psique, nossa vida criadora tem cheias e vazantes” (ESTÉS, 2014, p. 341). A autora compara, com sabedoria, a vida criativa das mulheres a um rio natural, organizada em ciclos que possibilitam que as coisas sejam gestadas, criadas e manifestadas. É confiando nessa natureza que embarco na criação deste trabalho.

Para começar, quero contar uma pequena história, porque, assim como Jean Clark Juliano (1999), acredito que as histórias nos põem em movimento, ressignificam pontos de nossa trajetória e nos resgatam de nós mesmas. Estés (2014) coroa esse pensamento dizendo que as histórias são bálsamos, guardam uma força própria: o ato de contar ou de escutar uma história concentra um poder curativo.

1. Psicóloga (UFC), gestalt-terapeuta e especialista em Saúde Mental (UECE). Tem formação em Gestalt-terapia (IGC) e em Gestalt-terapia e Intervenções Grupais (CGF), apresenta os podcasts “Gestalt Aberta” e “Águas Vivas” e é docente em cursos de aprimoramento e formação em Gestalt-terapia.

A minha história é sobre rios, inquietações e descobertas. No último ano da faculdade, li *Não apresse o rio (ele corre sozinho)* (1970), livro de Barry Stevens. Lembro que, em cada página, encontrei um colo para a ansiedade cortante do início da prática clínica, a partir dos relatos honestos da escritora sobre seu desenvolvimento como psicoterapeuta. No entanto, ali, ao lado de certa confiança, havia ainda uma inquietação: como faço para não apressar o rio? Eu gostava da poesia e da provocação do título, mas, embebida de pressões internas, não fazia ideia de como alcançar esse estado.

Em entrevista a Paulo Barros, no final da obra, Barry revela: o título é uma citação zen que inspira a “deixar-se ir junto com a vida, sem tentar fazê-la ir para algum lugar” (STEVENS, 1970, p. 281), permitir ser com(o) o rio, ora se espalhando tranquilamente, ora desviando das pedras, acompanhando o fluxo do viver.

Se hoje pudesse encontrar Barry, contaria sobre todas as vezes em que me debati nas águas do rio. Falaria sobre raivas, culpas e vergonhas, sentimentos que bloquearam a potência de uma existência criativa e expansiva. Mesmo reconhecendo nuances dessa potência, era muito comum ela se esvaír e dar lugar a uma atmosfera densa e cinzenta, com pouca ou nenhuma vivacidade.

A partir desse percurso pessoal, compreendo que o resgate de uma vida colorida, criativa e cheia de possibilidades comumente está interligado ao mergulho em trabalhos de autoconhecimento e crescimento pessoal. É necessário aprender a fluir com(o) o rio e permitir que, do vazio fértil, brote matéria criadora e criativa. Espontaneidade e consciência do momento presente são essenciais para a criatividade, e quanto maior for a *awareness* de uma situação, maior a possibilidade de que o ser humano possa ser realmente sujeito de sua história, ou seja, artista de si mesmo e de sua existência (CIORNAL, 1995; ZINKER, 2007).

Dando um salto temporal e continuando a narrativa, relembro que, há poucos anos, sentada no chão de uma sala, em roda com outras mulheres e movida pelos convites de uma terapeuta guardiã de círculos, enxerguei pela primeira vez uma parte esquecida e ignorada do meu funcionamento. Essa experiência revelou para mim a importância de acolher a dimensão cíclica do meu ser-mulher. Com isso, o exercício de observação do corpo já construído foi ampliado, inaugurando uma fase de reconhecimento e aceitação da ciclicidade e, conseqüentemente, um melhor aproveitamento das energias criativas.

Confiar no rio nada tem a ver com viver de forma desregrada ou descontrolada. Na verdade, para nós mulheres, significa conhecer nossas cavernas íntimas, entender as manifestações do próprio corpo e aproveitar os fluxos naturais como ferramentas para uma vida mais saudável.

Assim, partindo dessas compreensões iniciais, este trabalho seguirá criando pontes entre a Gestalt-terapia, o feminino, a criatividade e a dimensão cíclica, especialmente a

das mulheres, por entender que há nelas especificidades que merecem um olhar mais aguçado. Nessa perspectiva, há um forte desejo de que todas as pessoas possam, a partir desse conhecimento, acolher seus fluxos contínuos de ir-vir, subir-descer, pausar-acelerar, recolher-expandir, condição essencial para a construção de modos de vida mais saudáveis.

A saúde integral, numa perspectiva gestáltica, está relacionada à capacidade de cada pessoa de se autorregular organicamente, ou seja, ser capaz de reconhecer suas necessidades através das suas funções de contato, mobilizar recursos internos e forças de ação, praticar os movimentos ao encontro da satisfação de suas necessidades, nutrir-se com o que está disponível no ambiente, integrar o conhecimento fruto da experiência vivida como recurso para vivências futuras e, por fim, retirar-se para perceber novas gestalten (CIORNAI, 1995; RIBEIRO, 2006; ZINKER, 2007).

A *awareness*, ou seja, o fluxo presente e consciente, não se dá somente no nível cognitivo, mas também nos níveis sensório-motor, emocional e energético (CIORNAI, 1995). Sendo assim, a autorregulação nas mulheres passa pela observação minuciosa das senso percepções via experiência corporal, pela identificação de sentimentos e energias e pela confiança na sua natureza intuitiva. Ressalto que esse percurso vem sendo aprendido e compartilhado com muitas mulheres, aprendizes e mestras, jovens e velhas, unidas pelo acolhimento consciente de seus ritmos. Todas estão em cada linha que se segue.

MERGULHOS CRIATIVOS E GESTALT-TERAPIA

Antes de mergulharmos no estudo da criatividade feminina, vamos passear em veredas poéticas e teóricas, reunindo algumas concepções importantes acerca da criatividade. Com os fogareiros e lamparinas acesos, abriremos trilhas e alargaremos os caminhos de compreensão à luz da Gestalt-terapia.

Sobre a importância vital de criar, Fernando Pessoa escreveu em um dos seus poemas mais conhecidos: “Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa: / ‘Navegar é preciso; viver não é preciso’. / Quero para mim o espírito [d]esta frase, / transformada a forma para a casar como eu sou: / viver não é necessário; o que é necessário é criar”¹.

Criar é, pois, segundo o poeta, condição essencial para o sentimento de estar vivo. Vida e criação se entrelaçam num eterno *continuum*. A criatividade é o cerne e a celebração da vida, é a manifestação da grandiosidade presente em cada um de nós, é a afirmação de que existimos e de que estamos aqui-agora; ou seja, criar não se reduz apenas ao produto da criação, é a realização que rompe limites e afirma a nossa natureza como seres humanos (SAVIANI, 2004; ZINKER, 2007).

Ao contrário do que muitos pensam, a criatividade não se associa apenas a

1. PESSOA, F. “Navegar é preciso”, sem data, pode ser acessado no Portal Domínio Público. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000001.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2021.

feitos artísticos e grandes produções inéditas, embora estas possam ser manifestações extremamente criativas. Quando restringimos o fazer criativo ao campo das artes tradicionais, limitamos a valorização do ato criador presente nas expressões espontâneas, na formação de ideias, nos encontros, na resolução de problemas, na transformação de pensamentos e em infinitas outras ações cotidianas.

No próprio fluxo de viver, temos a possibilidade de expressar nossas experiências por meio de símbolos, produções, registros e ações (ZINKER, 2007). Compreender o ser humano como um ser criativo é, portanto, reconhecer sua capacidade de recriar sua história e de encontrar novas possibilidades de ser-no-mundo (OLIVEIRA, 2010 *apud* LEHMKUHL, 2015). Para tanto, é preciso nos posicionarmos no mundo de maneira curiosa, expansiva, buscando riqueza de contatos, sem, contudo, deixar de preservar a atenção, para não cairmos nos extremos de uma vida limitada e superespecializada ou fugaz, rasa e artificial. A curiosidade, a vastidão e a profundidade de experiências é terreno fértil para a expressão criativa.

Sendo criativos, somos como rios que correm e, no seu fluxo natural, vão encontrando vegetações e animais que lhe acrescentam algo novo, vão evaporando, condensando-se e voltando em forma de chuva. A capacidade criadora humana possibilita compreendermos o momento de respeitar as margens e o momento de nos expandir em leitos largos e profundos.

No fluxo curioso sobre o tema, encontrei a artista plástica Fayga Ostrower, uma grande teórica do campo das artes. Ostrower (2014) resume com sabedoria a visão gestáltica sobre criatividade, afirmando que criar é dar forma, estruturar e organizar, gerando uma nova configuração. A artista utilizou princípios da psicologia da Gestalt como eixo para seus estudos teóricos sobre o processo de criação, utilizando-os para sensibilizar o olhar e resolver problemas de percepção (SILVA; CARVALHO; LIMA, 2013). Esses princípios também embasam as ideias de criatividade da Gestalt-terapia.

No processo de criar, expandimos nosso psiquismo e alcançamos tanto a dimensão pessoal quanto a dimensão arquetípica de nossas origens. A criatividade é um potencial presente em todas as pessoas, e, como agentes criadores, acessamos as dimensões sensíveis, culturais e estéticas da existência (OSTROWER, 2014; ZINKER, 2007).

Presente em todas as pessoas, a dimensão sensível apresenta-se de maneiras distintas e fala sobre nossa conexão com o mundo através dos sentidos. Ligada aos fenômenos sensoriais, temos a percepção, tida como a capacidade de decodificar o que estamos experimentando e de organizá-lo em mensagens que chegam à nossa consciência. Ainda para Fayga, “como fenômeno social, a sensibilidade se converteria em criatividade ao ligar-se estreitamente a uma atividade social significativa ao indivíduo. No enfoque simultâneo do consciente, cultural e sensível, qualquer atividade em si poderia tornar-se um criar” (OSTROWER, 2004, p. 17).

Para a autora, a sensibilidade é uma abertura constante ao mundo e nos liga diretamente aos acontecimentos ao nosso redor, mantendo forte vinculação com os contextos sociais e culturais em que vivemos. Nosso modo de sentir e de pensar os acontecimentos, de experienciar-nos individual e coletivamente, de aspirar, sonhar, assimilar os êxitos e os insucessos, tudo isso está intimamente ligado ao nosso contexto sociocultural.

Criar é como respirar, fluxo contínuo de inspiração-expiração. Inspirar é se conectar ao fluxo da vida e se abrir aos afetos de cada experiência, permitindo a formação de um fundo vívido, acumulando vivências, trajetórias, aprendizados e referências. Expirar é responder às demandas a partir da relação figura-fundo, levando em consideração o que há disponível no campo e abrindo-se para vivenciar situações novas. “O que é assimilado é sempre o novo; o organismo persiste pela assimilação do novo, pela mudança e crescimento” (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 44), assim, viver criativamente é estar num ritmo fluido e harmônico entre inspirar-expirar, um repertório de experiências capazes de produzir novas configurações e experimentações.

Quando a nossa respiração está alterada ou comprometida por algum motivo, seja adoecimento físico, seja resposta psicossomática a alguma questão emocional, é comum sentirmos aperto no peito, falta de ar, sensação de sufocamento. Essa resposta do corpo indica que há uma interrupção do sistema de trocas de ar entre organismo e meio que compromete nosso funcionamento saudável.

No ato criativo, quando nosso movimento de inspirar-expirar é interrompido, começa a haver obstruções na capacidade de nos nutrirmos a partir do que o contexto oferece e de produzirmos e manifestarmos respostas criativas. Como afirmam Perls, Hefferline e Goodman (1997), a perturbação da respiração é acompanhada de distúrbios da função-self, interrupções no fluxo de contato. As obstruções são comumente causadas por experiências traumáticas, situações de crises não elaboradas, dores, introjeções e funcionamentos cristalizados. É importante recordar que, em Gestalt-terapia, consideramos um funcionamento saudável e criativo quando temos a capacidade de escutar uma necessidade interna, perceber a excitação causada, olhar os recursos internos e externos disponíveis, mobilizar energia para a ação, agir em busca da realização até a necessidade ser satisfeita e nos retirar. Chamamos esse movimento de “ciclo do contato”, um fluxo de expansão e retraimento que nos leva a aprofundar raízes e crescer (RIBEIRO, 2006, 2007; ZINKER, 2007).

Crescer, conhecer-se, construir dia a dia uma vida com sentido é ser rio, é estar no rio, às vezes na sua beirada, às vezes nas suas profundezas; é ora flutuar, ora vasculhar a lama do seu fundo. É sentar na sua margem e observar seu fluxo e também escutar os chamados para navegações e explorações. É, acima de tudo, aceitar fazer a travessia.

ÁGUAS TURVAS E ÁGUAS CLARAS: SAÚDE E VIDA CRIATIVA

Navegando rio abaixo, vamos adentrar agora estuários e manguezais e lançar o olhar para construções culturais e políticas que atravessam intensamente os modos de vida das mulheres e se relacionam com sua saúde e seu espaço-tempo de criar.

Sabemos que o feminismo vem se ampliando e amadurecendo desde o seu despontar, firmando-se como uma revolução contínua que abrange lutas e conquistas nos campos pessoal e profissional de todos os seres sociais. Apesar de muitos avanços, é preciso também reconhecer as dissidências e problemáticas de uma revolução que aconteceu desatrelada das discussões do modelo capitalista.

Observamos que as mulheres vêm ocupando lugares que antes eram exclusivos dos homens e, como forma de preservar esses postos, muitas acabam por assumir posturas rígidas e sufocar suas singularidades. Compartilhamos uma cultura que ainda perpetua a ideia de que um bom desempenho nas tarefas laborais está relacionado a um nível produtivo fixo, elevado e constante, além de um suposto e utópico equilíbrio emocional capaz de se manter apartado dos eventos externos.

Nesse contexto, não é de se espantar o crescente número de mulheres em adoecimento. O Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (2020) aponta que doenças decorrentes do trabalho – relativas à motricidade e à saúde mental, por exemplo – são mais frequentes em mulheres, assim como reitera a persistência de problemáticas já conhecidas, como menores salários, acúmulo de tarefas, pressões sociais, precariedade do trabalho, dentre outras. O estudo conclui que os fatores históricos, sociais, políticos, econômicos e ambientais continuam a prejudicar a saúde da mulher, apontando para a necessidade de se construir políticas públicas transversais de prevenção e promoção de saúde das trabalhadoras.

Como, então, promover saúde? Que fatores são levados em consideração quando se pensa sobre a saúde da mulher?

Acolher a dimensão cíclica de nossas energias físicas e psíquicas é importante para o funcionamento saudável de todas as pessoas, mas, principalmente, para as mulheres, que vivem mais intensamente os efeitos das alterações hormonais, físicas, psicológicas e energéticas próprias do ciclo menstrual. Não vamos aqui adentrar as discussões de gênero e transgeneridade, apenas por não ser o objetivo deste artigo, mas reitero firmemente a urgência e a importância desse debate a partir de pilares inclusivos e livres de preconceitos.

No seio das construções sobre direitos e vicissitudes das mulheres, Rupī Kaur, uma multiartista contemporânea, reflete em sua poesia feminista: “às vezes me pego sonhando com a mulher que serei quando sair dessa correria (...)” (KAUR, 2020, p. 173). A escritora resume, em curtas linhas, o retrato da vida agitada e cheia de demandas de muitas mulheres. Essa condição de correria aniquila a expressão de capacidades e habilidades, de criação

e recriação de si, pois frequentemente caímos nos automatismos e nos distanciamos da escuta do corpo.

No campo dos estudos do feminino, Estés (2014) ressalta que a vida criativa da mulher é poluída quando há comprometimento em qualquer uma das etapas do processo: inspiração, concentração, organização, implementação e manutenção. Ou seja, a interrupção de qualquer fase do ciclo leva à obstrução das expressões criativas, e a mulher experimenta bloqueios de criação e expressão da sua singularidade.

Além disso, o problema torna-se mais complexo devido à visão limitada acerca da criatividade. Mesmo que todas as pessoas sejam potencialmente criativas, a imposição cultural e socialmente construída que condiciona o ser criativo à entrega de um produto útil ao mercado gera bloqueios em diferentes fases do processo de criar (GRAY, 2017; ZINKER, 2007).

Sobre essa neurose individual e coletiva, Perls, Hefferline e Goodman (1997) discorrem:

a timidez em ser criativo tem duas fontes: a dor do próprio excitação crescente (originalmente, o “medo do instinto”) e o medo de rejeitar ou de ser rejeitado, de destruir, produzir mudanças; esses dois agravam-se mutuamente e no fundo são a mesma coisa. Ao contrário, uma impressão de “segurança” é proporcionada pelo apego ao *status quo*, aos ajustamentos que obtivemos no passado. O novo excitação ameaça abalar essa segurança, desmantelando-a. (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 218)

Se a atitude criativa pressupõe a assimilação de algo novo, precisamos romper com a busca ilusória de segurança e abraçar o risco, o desafio, do contrário, acontece o que os autores acima chamam de ajustamento adequado. Ironicamente, eles complementam que as únicas coisas que faltam nesse modelo são o excitação, o crescimento e o sentimento de estar vivo. Hycner e Jacobs (1997) definem esse estado como endemia moderna, ou seja, um estado de alienação dos outros, de nosso próprio self e da natureza.

Portanto, faz-se urgente que assumamos o risco de realizar transmutações nas formas sociais instituídas, que aproximemos os feminismos entre si e incluamos as discussões do capital nesse cenário de mudança. Acredito que esse processo histórico está a pleno vapor e que alcançaremos níveis cada vez mais elevados de transformações respeitadas no tecido social, acompanhadas de um crescente número de pessoas que podem viver com ânimo e vitalidade.

Envolvidos com a realidade, temos a possibilidade de ficar presentes, em nós e em relação eu-mundo, mundo-eu (RIBEIRO, 2006). À medida que nos relacionamos com o mundo, vamos sendo expostos e nos afetando com as agressivas exposições midiáticas, a cultura do consumo, a tecnificação da vida e a positividade tóxica. Mas não há outro caminho para o desenvolvimento pessoal que não seja ficar no momento presente e em

relação, pois “a primazia da experiência está ligada de forma quase inextricável à primazia do presente” (POLSTER; POLSTER, 2001, p. 30).

É nas experiências genuínas de contato que as mudanças se processam e que podemos começar a abrir mão da busca pelo eu idealizado e a dar-nos conta do sofrimento produzido por um véu de ilusões criado por modelos econômicos opressores que nos impedem de diferenciar as fontes verdadeiramente nutritivas das práticas esgotadoras e criam um abismo para a experiência autêntica de crescimento,

Numa sociedade com *ethos* empobrecido como a nossa, a negação do funcionamento cíclico produz desafios incomensuráveis para as mulheres alcançarem a harmonia entre as demandas de vida cotidiana e de trabalho e priorizarem sua saúde. Reestabelecer um fluxo saudável significa resgatar a potência de integrar nossas múltiplas partes, por meio da abertura à totalidade da experiência; por isso, precisamos ampliar o debate sobre a inclusão da dimensão cíclica como parte importante da natureza humana, especialmente nas mulheres.

A disposição a se afetar, a trocar com o meio e a confiar no corpo como um sistema de informações é capaz de restaurar a nossa capacidade de responder criativamente às situações. Mas como pendular em busca de regulações saudáveis quando temos um corpo cansado, exaurido pelo sistema, um corpo que não aguenta mais as pressões da máquina civilizatória e o adestramento? (PELBART, 2011 *apud* MORAES, 2015). Nossos corpos exaustos se ajustam disfuncionalmente e gritam por socorro por meio dos adoecimentos.

O corpo que não aguenta mais é um corpo esvaziado do presente, da experiência-tempo, esmagado na sua singularidade, tratado com indiferença e colocado no rol das propriedades comuns (AGAMBEN, 2013, *apud* MORAES, 2015). Por outro lado, um corpo potente é um corpo livre, energizado, em profunda relação com o mundo, contato mediado pelas sensações. Polster e Polster (2001) definem a função dos órgãos dos sentidos – tocar, ver, cheirar, falar e escutar – como funções de contato que inauguram o sistema relacional vital pessoa-ambiente e desencadeiam uma rede de mobilizações internas que produzem a experiência.

Quando esse fluxo acontece naturalmente, como o fluxo de um rio, somos agraciados com a capacidade de enfrentar todas as situações, inclusive as desafiadoras, enxergando nossas necessidades, abrindo nossa bagagem, reunindo elementos, observando o ambiente e construindo novas vivências. Chamamos esse movimento de ajustamento criativo.

A questão é que, ao longo da vida, vamos criando bloqueios para esse fluxo sensorial e, cada vez mais, ficamos surdos para essa escuta corporal, afastando-nos da possibilidade de conhecer nossos reais desejos, caminho que nutre uma existência autêntica. É importante dizer que são inúmeros os fatores que produzem esses bloqueios, desde as experiências uterinas até as repetições de respostas cristalizadas que vamos

aprendendo ao longo da vida, na maioria das vezes, por motivo de sobrevivência emocional, sem falar nas questões transgeracionais e energéticas.

Ajustar-nos criativamente indica que abrimos mão de uma idealização de vida e lidamos com o que aparece com leveza, fluidez e reconhecimento dos nossos recursos para a travessia de cada situação. Às vezes o barco vai balançar mais devido à força das ondas, às vezes precisaremos pedir ajuda para ajustar o prumo ou demoraremos um pouco mais para enxergar a outra margem. Em outros momentos, sentiremos necessidade de um bote salva-vidas ou mesmo entenderemos que é preciso pular do barco e nadar até o outro lado.

O MAR: CICLICIDADE E ENERGIAS CRIATIVAS

O rio corre para o mar, mas antes ele encontra outros rios, fundindo-se a eles e ganhando força e tamanho. Neste trabalho, nosso rio principal, a Gestalt-terapia, vem encontrando afluentes em saberes que ajudam a ampliar a visão da subjetividade feminina.

Seguindo esse fluxo, Estés (2014) diz que a psicologia tradicional é muitas vezes lacônica ou totalmente omissa quanto a questões mais profundas e importantes para as mulheres, não dando conta de tecer estudos sobre os talentos e o potencial da mulher criativa. A primeira versão desse escrito data de 1989 e permanece verdade mais de trinta anos depois.

Como vimos no tópico anterior, vivemos em um mundo que supervaloriza a produtividade, a performance, os números e as metas. Esse mundo, sustentado por valores capitalistas e neoliberais, tem suas bases em um sistema patriarcal. Não é por acaso que, ao longo da vida, frequentemente muitas pessoas sintam-se desvitalizadas, sem ânimo, sem energia, com uma sensação de vazio e falta de realização. Fala-se muito sobre desenvolvimento e progresso, no entanto, é complexo falar em evolução social quando pessoas continuam a ser exploradas e escravizadas, a terra, a ser devastada, e a fome, a violência e o desemprego permanecem crescentes.

Para a Gestalt-terapia, toda e qualquer investigação, seja biológica, seja psicológica ou sociológica, parte da noção de interação entre organismo e ambiente; portanto, precisamos falar de um campo de fatores socioculturais, orgânicos e físicos (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997). Nesse sentido, os estudos sociológicos, antropológicos e históricos do século xx estão construindo uma nova visão sobre o papel da mulher na evolução cultural humana, reavivando a espiritualidade e o culto às deusas, provando que foram as habilidades criativas das mulheres as responsáveis pelo início da agricultura, do preparo de alimentos e da confecção de utensílios e adornos (FAUR, 2011).

Como nos lembra Estés (2014), todos os homens e as mulheres nascem com talentos, mas a verdade é que houve pouca descrição dos hábitos e das vidas de mulheres

talentosas, criativas e brilhantes. No contexto nacional, por exemplo, o livro *Mulheres do Brasil – a história não contada* escancara essa verdade e tenta diminuir a invisibilidade de mais de duzentas mulheres que tiveram suas histórias deturpadas, apagadas ou sequer registradas (REZZUTTI, 2019).

O objetivo básico do resgate das histórias e das tradições é reconhecer que a energia divina feminina tem uma força benevolente, criadora e criativa capaz de fortalecer e sustentar as mulheres, resplandecendo sua capacidade de viver de forma protegida e independente sem precisar do amparo das figuras salvadoras masculinas (FAUR, 2011).

As energias criativas do feminino estão intimamente ligadas aos ciclos menstrual e lunar. No decorrer do mês, cada mulher apresenta uma maneira de viver e demonstrar sua criatividade, podendo ter, inclusive, manifestações diferentes de um mês para outro. O despertar da mulher pode ser alcançado percebendo as sensações corporais e a forma como reage a texturas, sabores, cheiros e temperaturas, erguendo uma ponte entre o mundo tangível e o intangível, ao mesmo tempo que pode se expressar por meio do intelecto, das emoções, da intuição, do subconsciente e do próprio do corpo (GRAY, 2017).

Essa compreensão dialoga diretamente com a noção de crescimento da Gestalt-terapia. O período menstrual pode ser visto, nessa perspectiva, como uma metáfora da autorregulação orgânica. Isso quer dizer que, quando o ciclo é vivido em pleno respeito, as mulheres conseguem observar as suas necessidades internas em cada período e podem usar sua energia da melhor forma. Recordando o ciclo do contato de Zinker (2007), podemos analisar esse fluxo das energias criativas em paralelo ao sistema de abertura e “fechamento” de gestalten.

A visão de Estés (2014) conversa diretamente com aspectos importantes do ciclo de contato quando ela ressalta que a criatividade emana de algo que surge, cresce, toma impulso, se avoluma e se derrama, em vez de ser algo que simplesmente fica parado em algum ponto à espera de que possamos encontrá-lo. Ou seja, as interrupções, cristalizações e fixações no ciclo atrapalham ou impedem experiências vívidas, fluidas e criativas

A sabedoria acerca dos ciclos resistiu a milhares de anos de sufocamento graças a mulheres de todos os cantos – pensadoras, artistas, curandeiras, bruxas, professoras, empresárias, donas de casa –, responsáveis por guardar e passar de geração em geração o conhecimento ancestral que perpetua um legado de vida pautado no respeito à ciclicidade e no cuidado a todos os seres, valores próprios das culturas matrifocais.

As tradições sagradas femininas visam ao direcionamento da energia dos grupos para ações e atitudes ecológicas, educacionais e comunitárias que contribuam para a transformação de valores, hábitos e mentalidades atuais e reestabeleçam o equilíbrio, a preservação e a pacificação da Terra (FAUR, 2011).

Dialogando com essa ideia, Saviani (2004) relembra que

os seres humanos necessitam perceber profundamente o que a natureza é para nós e em nós, o que a natureza é em si e o que somos com ela (...). Movimento do inspirar e expirar a vida, ritmo pulsante da natureza, do outono passando pelo inverno, verão, voltando à primavera de maneiras diferentes, continuamente. (...) É a mudança rítmica, cíclica, igual a tantas outras que são vivenciadas e não percebidas. (SAVIANI, 2004, p. 50-51)

É justamente nas relações com o mundo que nós trocamos energias, modificamos, expressamos e aumentamos a percepção de nós mesmos. Segundo Oken (1980 *apud* SAVIANI, 2004), quanto maior for a consciência e a potência do ser no mundo, maior a possibilidade de avanços e evolução.

Portanto, para criarmos um modo de vida sustentável, é preciso cavarmos os buracos ocultos da história, reconhecemos a sabedoria ancestral das mulheres e aprendermos, a partir desse restauro, a desenvolver uma sociedade unida em torno do sustento, da colaboração e da interação, ao invés de sustentar a violência, o combate e a competição tão presentes na hegemônica cultura patriarcal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – A VIDA É UM RIO QUE CORRE

Sentada agora à margem do rio, observo suas águas passarem com tranquilidade. Escrever este artigo foi a prova de que estou mais próxima dos ensinamentos de Barry Stevens. Aprender a não apressar o rio significou, nesta experiência, entender os dias em que as ideias vinham com facilidade e a escrita fluía alegremente e os dias em que a ansiedade fazia morada e era mais frutífero caminhar, dormir, desenhar, pintar e cozinhar.

Sob a magia da lua, contemplei o vai e vem das minhas marés internas, senti força e calma, medo e suporte. Terminei estas linhas com a percepção de que me lançar ao exercício criativo da escrita devolveu-me o tesouro perdido da autoconfiança na minha capacidade de articular ideias e produzir textos acadêmicos. A vida criativa tem muitos aspectos, e nós, pessoas do mundo moderno, costumamos não reservar tempo para dar vazão às nossas infinitas potências criativas. Especialmente as mulheres, devido a todos os fatores que expusemos neste trabalho, devem permanecer atentas ao excesso de responsabilidade que rouba o tempo necessário para rodopios criativos, pausas, improvisos, aventuras e descobertas.

No âmbito planetário, destaco ainda que as transformações de que precisamos urgentemente, na minha compreensão, passam por honrar a dimensão sensível em cada um(a) de nós, acolher nossa ciclicidade interna e buscar uma relação mais íntima e conectada com os ciclos da natureza.

Por fim, desejo que os rios de nossas vidas criativas sejam sempre fonte de encontro e reencontro com nós mesmos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Desigualdades no mercado de trabalho e perfil de adoecimento das mulheres trabalhadoras brasileiras. **Boletim epidemiológico**, Secretaria de Vigilância em Saúde, v. 51, n. 20, p. 28-38, maio 2020. Disponível em: <https://renastonline.ensp.fiocruz.br/sites/default/files/arquivos/recursos/boletm-mulheres-desigualades-trabalho.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021.

CIORNAI, S. Relação entre Criatividade e Saúde na perspectiva da Gestalt-terapia. *In*: VI SIMPÓSIO NACIONAL DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE, 2015, Rio de Janeiro. **Anais digitais [...]**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Estudos Sociais das Ciências e das Tecnologias (ESOCITE.BR), 2015.

ESTÉS, C. P. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

FAUR, M. **Círculos sagrados para mulheres contemporâneas**. São Paulo: Pensamento, 2011.

GRAY, M. **Lua vermelha**: as energias criativas do ciclo menstrual como fonte de empoderamento sexual, espiritual e emocional. São Paulo: Pensamento, 2017.

HYCNER, R.; JACOBS, L. **Relação e cura em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

JULIANO, J. C. **A arte de restaurar histórias**: o diálogo criativo no caminho pessoal. São Paulo: Summus, 1999.

KAUR, R. **Meu corpo, minha casa**. São Paulo: Planeta, 2020.

LEHMKUHL, L. A criatividade como potencializadora do processo gestalt-terapêutico. **Revista IGT na Rede**, v. 12, n. 23, p. 315-326, 2015. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs>. Acesso em: 12 abr. 2021.

MORAES, I. Máquina-homem, máquina corpo: um adeus ao corpo. *In*: VI SIMPÓSIO NACIONAL DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE, 2015, Rio de Janeiro. **Anais digitais [...]**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Estudos Sociais das Ciências e das Tecnologias (ESOCITE.BR), 2015.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. 30ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

POLSTER, E.; POLSTER, M. **Gestalt-terapia integrada**. São Paulo: Summus, 2001.

REZZUTTI, P. **Mulheres do Brasil**: A história não contada. 1ª ed. São Paulo: Leya, 2019.

RIBEIRO, J. P. **Vade-mécum da Gestalt-terapia**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 2006.

RIBEIRO, J. P. **O ciclo do contato**: temas básicos na abordagem gestáltica. 5ª ed., revisada. São Paulo: Summus, 2007.

SAVIANI, I. Ateliê terapêutico – Encontrarte: viver arte, criar e recriar a vida. *In*: CIORNAI, S. (Org.). **Percursos em Arteterapia**. São Paulo: Summus, 2004.

SILVA, M. C.; CARVALHO, E. M. de; LIMA, R. D. de. Arteterapia Gestáltica e suas relações com o processo criativo. **IGT na Rede**, v. 10, n. 18, p. 18-36, 2013. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs>. Acesso em: 22 abr. 2021.

STEVENS, B. **Não apresse o rio (ele corre sozinho)**. São Paulo: Círculo do livro, 1970.

ZINKER, J. **Processo criativo em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2007.

SOBRE OS ORGANIZADORES

LÁZARO CASTRO SILVA NASCIMENTO - Gestalt-terapeuta. Doutor em Psicologia Clínica & Cultura pela Universidade de Brasília. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná. Musicoterapeuta (CPMT 346/20-PR) graduado pela Universidade Estadual do Paraná, Psicólogo (CRP-08/20085) graduado pela Universidade Federal do Pará. Professor substituto da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). Presidente da Associação de Musicoterapia do Paraná (AMT-PR). Membro do Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade (UFPR) e da World Federation of Music Therapy.

KAMILLY SOUZA DO VALE - Psicóloga (CRP 10/02310), Gestalt-terapeuta pelo Centro de Capacitação em Gestalt-terapia, mestra e doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Pará, coordenadora do Grupo de Estudos em Gestalt-terapia (GEGT-Belém). Pesquisadora na área da conjugalidade, violência conjugal e gênero. Professora convidada em formações de Gestalt-terapia no norte do país. Ministra cursos de aperfeiçoamento na área de manejo clínico com casais, violência de gênero, violência psicológica e intervenções clínicas em atendimento com adultos e crianças. Supervisora clínica e coordenadora do curso de aprimoramento em Gestalt-terapia em Belém/PA e Macapá/AP.



Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br